

GRANDES OBRAS DA CULTURA UNIVERSAL

VOL. 16

Tradução  
DAVID JARDIM JÚNIOR

Capa  
MARTIN TAPEREIRA

JACOB E WILHELM GRIMM

CONTOS  
DE  
GRIMM

VILLA RICA EDITORAS REUNIDAS LIMITADA

BELO HORIZONTE

Rua São Geraldo, 53 — CEP 30150-070 — Tel.: 222-8630

FAX: 224-5151

RIO DE JANEIRO

Rua Benjamin Constant, 118 — CEP 20241-150 — Tel.: 252-8327



VILLA RICA

Belo Horizonte — Rio de Janeiro

1994

1994

---

Direitos de Propriedade Literária adquiridos pela  
VILLA RICA EDITORAS REUNIDAS LIMITADA  
Belo Horizonte — Rio de Janeiro

---

IMPRESSO NO BRASIL  
PRINTED IN BRAZIL

## SUMÁRIO

1. BICHO PELUDO — <i>Ilustrado por Hermann Vogel</i> . . . . .	11
2. CINDERELA — <i>Ilustrado por Gustave Doré</i> . . . . .	19
3. O IRMÃO E A IRMÃ — <i>Ilustrado por Hermann Vogel</i> . . . . .	29
4. O BANDO DE MALTRAPILHOS — <i>Ilustrado por Karl Appold</i> . . . . .	37
5. O ESTRANHO MÚSICO . . . . .	41
6. O ALFAIATEZINHO VALENTE — <i>Ilustrado por Wilhelm von Dietz</i> . . . . .	44
7. AS VIAGENS DO PEQUENO POLEGAR . . . . .	57
8. O VELHO E SEU NETO — <i>Ilustrado por Grot Johan e Robert Leinweber</i> . . . . .	61
9. O POBRE MOLEIRINHO E A GATA — <i>Ilustrado por um artista anônimo</i> . . . . .	63
10. O POBRE E O RICO — <i>Ilustrado por Hermann Vogel</i> . . . . .	68
11. A TERRA DE COCANHA — <i>Ilustrado por Ludwig Richter</i> . . . . .	74
12. AS TRÊS FIANDEIRAS . . . . .	76
13. FREDERICO E CATARINA — <i>Ilustrado por Hermann Vogel</i> . . . . .	79
14. O REI SAPO OU HENRIQUE DE FERRO — <i>Ilustrado por Hermann Vogel</i> . . . . .	89
15. O GÊNIO DA GARRAFA — <i>Ilustrado por Grot Johan e Robert Leinweber</i> . . . . .	96
16. A AVE DE OURO — <i>Ilustrado por Walter Crane</i> . . . . .	102
17. O ENIGMA . . . . .	111
18. O COELHO E O PORCO-ESPINHO — <i>Ilustrado por Johann Peter Lyser</i> . . . . .	114
19. O CÃO E O PARDAL — <i>Ilustrado por Hermann Vogel</i> . . . . .	121
20. O RATO, O PÁSSARO E O CHOURIÇO . . . . .	127
21. O JUDEU ENTRE OS ESPINHOS — <i>Ilustrado por Hermann Scherenberg</i> . . . . .	129

95.

## OS GNOMOS

### Primeira História

Um sapateiro tinha se tornado tão pobre (e não por sua própria culpa), que afinal nada mais lhe restou, a não ser um pedaço de couro, suficiente para se fazer um par de sapatos. Assim, à noite ele recortou o couro com que iria fazer os sapatos no dia seguinte, e, com a consciência tranquila, pois sempre cumprira o dever, deitou-se, encomendou-se a Deus, e adormeceu.

No dia seguinte, quando, depois de rezar as suas preces, se preparava para trabalhar, viu que já estava em cima da mesa de trabalho o par de sapatos, acabado e perfeito.

Atônito, sem entender o que acontecera, o sapateiro pegou o par de sapatos, para examiná-lo bem de perto, e mais admirado ainda ficou ao constatar que se tratava de um trabalho perfeito, que só poderia ter saído das mãos de um verdadeiro mestre.

Pouco tempo depois, apareceu um comprador, que gostou muito dos sapatos e logo os comprou, a um preço compensador. Com o dinheiro, o sapateiro comprou couro suficiente para fazer dois pares de sapatos. Recortou-os à noite e, no dia seguinte, viu que não precisaria trabalhar também naquele dia. Os dois pares de sapato lá estavam, em cima da mesa de trabalho, perfeitos como os sapatos da véspera.

O mesmo passou a acontecer, diariamente, a partir de então, de modo que o sapateiro foi prosperando cada vez mais e se tornou, afinal, um homem rico.

E, uma noite, pouco antes do Natal, aconteceu que, quando o sapateiro se sentou para recortar o couro, disse à sua mulher, que se preparava para deitar-se:

— Que achas da idéia de ficarmos acordados a noite toda, para vermos o que está acontecendo, quem está nos ajudando tão valiosamente?



A mulher gostou da idéia, e acendeu uma vela, depois os dois se esconderam em um canto do quarto, atrás de algumas roupas que ali estavam penduradas, e ficaram observando.

À meia-noite em ponto, surgiram dois homenzinhos, dois pigmeus, nus em pêlo, e se sentaram à mesa de trabalho. Pegaram todo o couro recortado que lá se encontrava e trabalharam com tanta rapidez e com tanta perfeição,

valendo-se de seus dedinhos tão pequenos, que o sapateiro ficou boqui-aberto de espanto. E não pararam enquanto não transformaram em lindos sapatos todo o couro que fora na véspera recortado. E desapareceram, correndo, tão logo terminaram o trabalho.

— Os homenzinhos nos enriqueceram — disse a esposa do sapateiro ao marido, depois que os gnomos saíram. — Acho que temos obrigação de mostrar-lhes quanto estamos gratos. Viste que estavam nus em pêlo? Devem sentir muito frio. Vou fazer para eles camisas, calças, casacos, etc., tudo muito pequenino, de acordo com o seu tamanho, e tecer para cada um par de meias, e tu farás para eles dois pares de sapatos bem pequeninos.

— Terei muito prazer em fazer isso — concordou o marido.

E uma noite, puseram na mesa de trabalho todos aqueles presentes, em vez do couro recortado, e se esconderam à espera dos gnomos, para verem a sua reação diante daquela manifestação de reconhecimento.

À meia-noite, os homenzinhos entraram, correndo e pulando, e foram logo procurando o couro recortado, para se entregarem ao trabalho. Encontrando os presentes em lugar do couro, a princípio eles ficaram espantados, mas depois alegríssimos. Vestiram, com extraordinária rapidez, as roupas em miniatura para eles feitas, e vestiram-nas, e continuaram dançando e cantando:

*Somos agora homens elegantes.*

*Não seremos sapateiros como antes.*

E depois de pularem sobre os bancos e cadeiras, saíram dançando da casa. E, como haviam anunciado, dali em diante nunca mais voltaram, mas o sapateiro continuou a prosperar, pois todos os seus esforços eram bem sucedidos.

## Segunda História

Era uma vez uma pobre empregada, que era muito trabalhadora e muito asseada, varrendo e arrumando a casa todos os dias, e jogando fora o lixo em um entulho que havia perto da casa.

Certo dia, quando estava voltando para casa, encontrou uma carta e, como era analfabeta, pediu à sua patroa para lê-la. Era um convite dos gnomos para ela ser madrinha de um menino, que seria batizado dentro de poucos dias. A jovem ficou sem saber o que faria, mas sua patroa acabou convencendo-a de que um convite como aquele não podia ser recusado. Aceitou-o, então.

Três gnomos apareceram e a levaram a uma montanha cheia de grutas, onde seu povo vivia. Tudo ali era extremamente pequeno, mas tão belo que nem se pode dizer quanto.

A mãe do recém-nascido estava deitada em um leito de ébano, com engastes de marfim e enfeitado de pérolas. A minúscula banheira do bebê era de ouro maciço.

Terminado o batizado em que foi madrinha, a jovem quis voltar para casa, mas os gnomos insistiram para que ela ficasse mais três dias em sua companhia. Ela concordou, e foram três dias inesquecíveis, em que ela se divertiu à vontade, e os gnomos tudo fizeram para fazê-la feliz. Afinal, eles a levaram para sua casa, mas antes encheram seus bolsos de dinheiro.

Uma vez em casa, ela tratou logo de trabalhar: pegou a vassoura e começou a varrer. Pouco depois, porém, apareceram alguns estranhos, que lhe perguntaram o que estava fazendo ali.

É que ela não havia, como pensara, ficado com os homenzinhos da montanha apenas três dias, e sim três anos. E, nesse meio tempo, os seus patrões tinham morrido.

## Terceira História

Era uma vez uma mulher, cujo filhinho foi sequestrado em seu berço pelos gnomos, que, em seu lugar, deixaram um outro, cabeçudo e de olhos arregalados, que nada mais fazia senão comer e beber.

Inteiramente transtornada, a mulher procurou uma vizinha e pediu-lhe que a aconselhasse sobre o que deveria fazer. A vizinha disse-lhe que deveria acender o fogo e ferver água em duas cascas de ovo. Isso faria com que o mentecapto que fora deixado em lugar de seu filho risse, e, ele rindo, tudo estaria resolvido.

A mulher seguiu o conselho, e, quando o deficiente viu a água fervendo em duas cascas de ovo, arregalou ainda mais os olhos e disse:

— Sou hoje tão velho quanto a Floresta Negra, mas nunca tinha visto uma coisa destas!

E começou a rir sem parar, dobrando gargalhadas estrondosas. E então apareceu um bando de gnomos, trazendo a criancinha, que deixaram em seu berço, e levando consigo o deficiente.